

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ALGUNS OBJECTOS INÉDITOS DO MUSEU REGIONAL DE LAGOS, MONTE MOLIÃO.

VIANA, Abel, et al.

Ano: 1952 | Número: 62

Como citar este documento:

VIANA, Abel, et al., Alguns objectos inéditos do Museu Regional de Lagos, Monte Molião. *Revista de Guimarães*, 62 (1-2) Jan.-Jun. 1952, 133-142.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Alguns objectos inéditos do Museu Regional de Lagos

Monte Molião

POR ABEL VIANA
JOSÉ FORMOSINHO E
OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA

Quem examinar as Cartas Arqueológicas do Algarve, elaboradas por Estácio da Veiga, tanto a dos tempos pré-históricos, com as descobertas feitas até 1882, como a dos tempos históricos, na qual o arqueólogo algarvio registou as suas investigações até o ano de 1889, publicadas, respectivamente, no I volume das «Antiguidades Monumentaes do Algarve» (1886) e volume XV de «O Archeologo Português» (1910); quem observar essas cartas, dizíamos, dar-se-á imediatamente conta da elevadíssima densidade arqueológica assinalada na região de Lagos, não só das épocas pré- e proto-histórica, mas principalmente da época romana.

Consideramos como tal a faixa de cerca de 30 quilómetros de comprimento, em linha recta, desde a Ria de Alvor, ou seja, desde a ribeira da Senhora do Verde, que com as de Arão e do Farelo forma a referida Ria, até à Boca do Rio, confluência das ribeiras de Almádena e de Búdens, na extremidade ocidental, com uns 8 de largura, desde a sinuosa linha da costa até os sopés das serras de Monchique e do Espinhaço do Cão, abrangendo as notáveis estações da Abicada, Alcalar e Bensafrim.

Neste limitado tracto da zona costeira algarvia, em pontos que até agora se não conseguiram loca-

lizar, existiram as cidades de *Conistorgis*, extinta, ao que parece, anteriormente ao domínio romano, e *Portus Hannibalis*; e ainda *Laccobriga*, cuja localização talvez possamos admitir como correspondente à parte mais antiga da cidade de Lagos, com seu núcleo inicial no sítio da Porta da Vila.

Atendendo, dentro da zona aqui considerada, apenas à área das freguesias da cidade, isto é, sem incluir a que pertence às freguesias de Odeáxere, Bensafrim, Barão de São João e Nossa Senhora da Luz, registam-se restos de construções ou simples achados de objectos arqueológicos, avulsos, nos sítios de Fonte Coberta, Jardim, Serro das Amendoeiras, Paúl, Serro do Lago, Sargaçal, Malaca, Casteleja, Monte Molião, Moirato, Marateca e interior da cidade.

De todos estes numerosos sítios, vamos tratar, em especial, de um daqueles em que os achados arqueológicos são mais notáveis e de que o Museu possui maior quantidade.

O Monte Molião, ou simplesmente Molião, é uma pouco elevada colina que domina para nascente a Baía de Lagos, para sul a cidade, da qual dista cerca de 2 quilómetros, e para poente toda a vasta planície que margina a ribeira de Bensafrim, também conhecida pela designação de Rio de Lagos.

Terreno intensamente agricultado desde longínqua data, nunca ali se fizeram escavações em larga escala ou com o indispensável método. As pesquisas ali realizadas por Estácio da Veiga, com o seu laborioso e inteligente colaborador, Padre Nunes da Glória, prior da Mexilhoeira Grande, limitaram-se, apenas, por lhes escassear o tempo, a sondagens na quinta da família Pimenta, onde encontraram alguns alicerces, abundante quantidade de cerâmica fina, inclusivé *terra sigillata*, uma cisterna elíptica, medindo 6,^m80 de comprimento, 1,^m76 de largura e 4,^m35 de fundo, e alguns escoriais de ferro. A propósito, Estácio chama a atenção para a existência, à distância de 4 quilómetros do Molião, da mina de ferro do Aduelho (A-do-Alho?).

Dos numerosos objectos que recolheu, destacam-se: uma clepsidra de vidro; uma estatueta de

bronze, representando Mercúrio, nu, com caduceu, pétaso alado e, na mão direita, parte do *marsupium*; contas cilíndricas, de rocha transparente; denários de prata, da família *Tituria*; moedas autónomas peninsulares, entre as quais de *Salacia*; bronzes

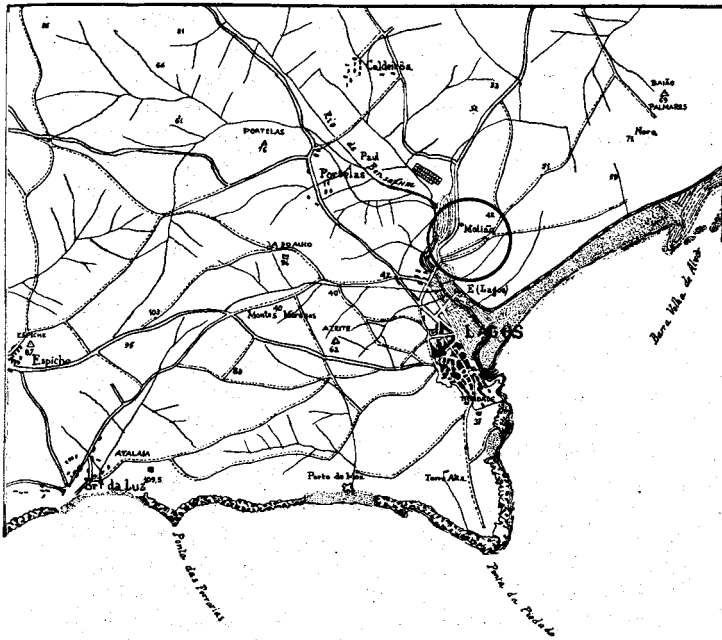


Fig. 1 — Monte Molião, nos arredores de Lagos.

de Cláudio, Alexandre Pio, Faustina e de outros. Todos estes objectos estão no Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcelos, em Belém.

Mais tarde, na propriedade de César Landeiro, 600 metros a nascente da anterior, ao ser preparado terreno para plantio de vinha, foi aí descoberto um vasto cemitério romano, onde o Doutor José Joaquim Nunes assistiu ao abrir de uma das sepulturas, tendo podido examinar algumas das anteriormente descobertas, ainda não completamente destruídas.

As sepulturas eram rectangulares e com paredes feitas de tégulas, umas colocadas verticalmente, outras «em forma de cabana triangular, ou antes de telhado de duas águas, o que não devia ter sido resultado de pressão da terra, mas sim que as sepulturas teriam sido originariamente assim construídas».

Menciona, como encontrados nelas, vários lacrimatórios e unguentários, dois biberões de barro, um martelo, diversos pregos, alguns dos quais conservando aderentes bocadinhos de madeira; uma pequena argola de ouro e ainda outros objectos, tais como um prato de *terra sigillata* com a marca figulina MAVRI, e um denário republicano.

Parte do material obtido foi oferecido ao Doutor José Leite de Vasconcelos, quando, em 1898, visitou o local; outra parte levou-a o Dr. Santos Rocha para o Museu da Figueira da Foz, quando, em Dezembro de 1900, foi ali tentar novas pesquisas, encontrando ainda intactas duas ou três sepulturas.

Posteriormente, o referido proprietário do terreno, César Landeiro, continuando o plantio de vinha, encontrou mais algumas sepulturas, cujo espólio foi oferecido ao Museu Regional de Lagos, e são os objectos que vamos descrever, daquela época.

Em 1939, cerca de um quilómetro a poente deste cemitério romano, alargaram a estrada nacional que pelo poente passa rente a esta colina denominada Molião e, sendo-lhe feito um corte considerável, descobriu-se uma nova estação arqueológica, da época pré-romana.

Um dos trabalhadores ocupados nesse serviço informou-nos de que haviam aparecido vários objectos,

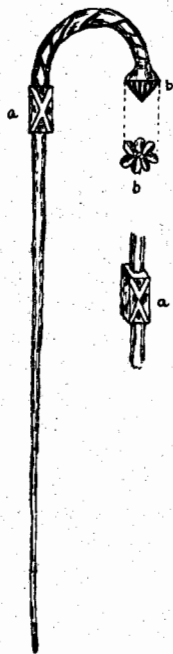


Fig. 2—Alfinete, ou prego de toucado (Monte Molião).

mostrando duas moedas ibéricas. Conseguiu-se, então, obter mais uma bela moeda da mesma espécie, um alfinete, ou prego de cabelo, e uma fibula, objectos que vão representados sob os números 4, 5, 7, 8, 9 e 10.

Entre as coisas que já tinham dado entrada no Museu, merece particular atenção a pequenina estatueta de marfim, da qual, sob o n.º 2, damos quatro aspectos.

O ponto da estação cortado pela estrada deverá conservar ainda enterrado muito material arqueológico, mas ao fortíssimo declive da ladeira soma-se agora uma trincheira de grande altura, o que torna a exploração extremamente difícil, e até perigosa para quem a tentar.

São, portanto, três as estações arqueológicas até hoje descobertas no Monte Molião.

Das ruínas indicadas por Estácio da Veiga não nos ficaram descrições suficientes. Aquele investigador faleceu antes de concluir a sua projectada obra acerca da época romana no Algarve, de que, postumamente, apareceram apenas alguns apontamentos em «O Archeologo Português». Do mesmo modo, alguns desenhos seus e a reprodução de vários objectos por ele descobertos ou recolhidos foram publicados avulsamente, em estudos de autoria alheia.

Escasseiam-nos, portanto, elementos que nos permitam avaliar, com razoável justeza, das edificações romanas do Molião. Sabemos, unicamente, que ali abundavam, em especial, as sepulturas, e que dentro delas se encontravam quase todos os objectos citados, que se caracterizam pela quantidade e pela variedade, o que nos leva a crer que a ocupação romana do Molião ultrapassaria os limites de um simples cemitério, e que, pelo contrário, ela se traduziria no estabelecimento de um núcleo populacional, talvez de certa importância, que ainda não foi possível localizar com rigor, e talvez assente directamente em mais antigo povoado indígena.

Pelas razões atrás aduzidas, nada de concreto podemos afirmar.

Nos objectos dali provenientes e recolhidos no Museu Regional de Lagos, alguns há que são de

época anterior à romanização da área lacobrigense, ao passo que outros pertencem a tempos posteriores; salientam-se, porém, os numerosos fragmentos de *terra sigillata*, da melhor que se fabricou ao redor dos fins do século I.

Bairrão Oleiro, em seu trabalho — *Elementos para o estudo da «terra sigillata» em Portugal*, publicado na «Revista de Guimarães», vol. LXI, págs. 81 a 111, refere-se a mais duas estampilhas de olaria, recolhidas no Molião. Segundo este investigador, das quatro marcas de *sigillata* que apresenta como aparecidas nesta estação, nenhuma é anterior ao ano de 45, podendo a mais tardia ser a de FVSCVS (54-117 da nossa Era).

Segue-se a descrição das peças do Museu que reputamos principais e que se encontram inéditas, ou pouco divulgadas.

Pequenina estatueta de marfim, com 0,^m079 de altura (n.º 2).

Jarrito de bronze, figurando a cabeça de uma jovem.

Falta-lhe o fundo. Altura — 0,^m102; diâmetro máximo — 0,^m055 (n.º 1).

Fíbula de bronze, completa. Comp. — 0,^m0485 (n.º 10).

Alfinete de bronze, com a parte superior ornamentada e encurvada à maneira de báculo. O ornato na parte da curvatura é um estriado torso, rematando em botão gomado. Entre a cabeça e o corpo do alfinete há uma pequenina secção em forma de paralelepípedo, com uma das faces lisas e as três restantes com duplos sulcos cruzados em X. Comp. — 0,^m122; peso — 5 gr. (n.º 4).

Pinça depilatória, de bronze. Comp. — 0,113 (n.º 19).

Fuso de roca. Haste de ferro com cossoiro, ou volante, formado por um disco de bronze, vasado em estrela de oito pontas. Comp. — 0,^m203 (n.º 3).

Pequena chave de bronze. Comp. — 0,^m033 (n.º 12).

Chave (ou pintadeira?) de bronze, possivelmente da época romana. Comp. — 0,^m0695; larg. do palhetão — 0,^m027; espessura — 0,^m0025 (n.º 18).

Dedal de bronze. Alt. 0,^m024; diâm. na abertura — 0,^m016 (n.º 17).

Pequenina asa de bronze, de caixa ou outro móvel de madeira. Conserva nas extremidades os ganchos que se remanchavam na madeira. Comp. entre as pontas dos ganchos terminais — 0,^m073 (n.º 6).

Fecho de bronze, de pequena arca. A face externa é ligeiramente abaulada. Achava-se na mesma sepultura de onde saíu a peça a seguir descrita. Comp. — 0,^m056 (n.º 15).



Fig. 3— *Objectos procedentes de Monte Molião, no Museu Regional de Lagos.*

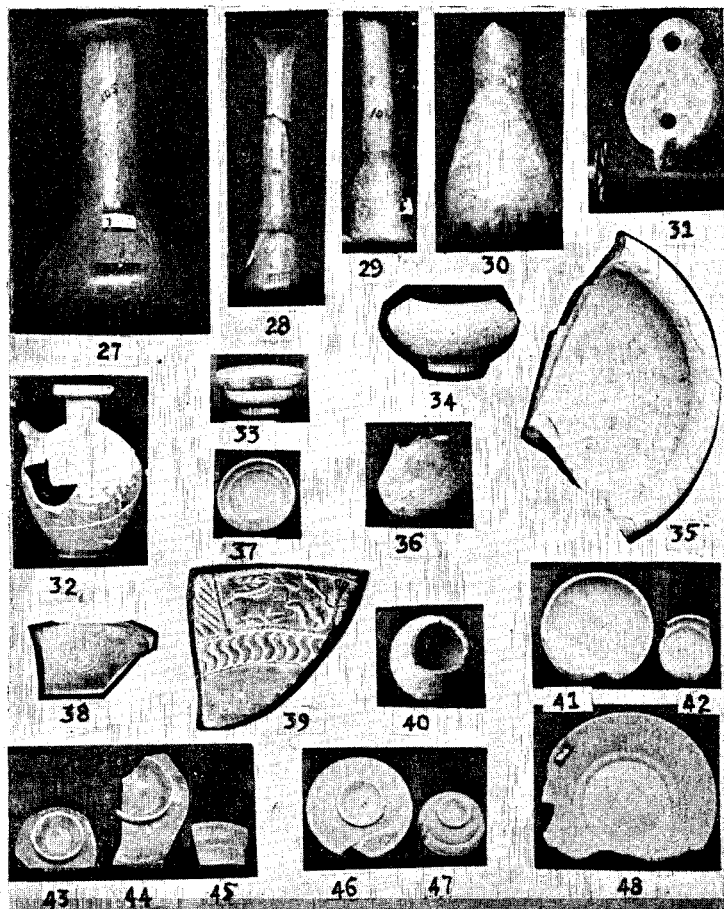


Fig. 4 – Objectos procedentes de Monte Molião, no Museu Regional de Lagos.

Fragmento de uma haste de bronze, com uma das extremidades ornamentalmente recortada. Tem a superfície da face principal dividida por sulcos paralelos, delimitando faixas de pequeninos círculos gravados, cada círculo com um ponto ao centro. Esta decoração repete-se na outra face. Pode ter pertencido ao fecho de uma caixa, ou arca. Comp. actual—0,^m063; espes.—0,^m003 (n.º 14).

Moeda ibero-romana. No reverso, cavalo galopando à esquerda; sobre este, um crescente quase deitado. Anverso imperceptível. Fabrico muito rudimentar. Diâm. máximo—0,^m031; espes.—0,^m0068. Peso—29,5 gr. (n.º 7).

Moeda luso-romana de SALACIA. Anverso—Hipopampo, à esquerda; por baixo em contra marca, um S. Reverso: Duas espigas de trigo, entre dois crescentes, um com um ponto outro sem ele. Não tem vestígios de círculo granulado em qualquer das faces. Contorno irregular. Diâm. máx.—0,^m0235. Peso—7,5 gr. (n.º 5 e 8).

Moeda ibero-romana, bilingue. Anverso—Cabeça nua, masculina (Hércules?), com dois delfins em frente, e pela parte de trás as letras CEL (de CELSA). Reverso—Cavaleiro galopando à direita; por baixo a legenda indígena <ΑΣΕ (Celse). Idêntica à figurada na Est. LXII, n.º 9, e descrita a pág. 153 de «La moneda ibérica», de Vives y Escudero. Tem um furo ao centro, feito em época remota. (n.º 9). Módulo—0,^m030; peso—17,7 gr.

Vinte e nove contas de vidro e duas de calcário (?). As de vidro têm as cores seguintes: verde verdete, verde carregado, azul celeste, azul cobalto e cor de mel, ou de âmbar. Há, ainda, uma de vidro preto, ocelada de esmalte branco. As duas de calcário são de cor amarelo sujo, e as de vidro mais pequeninas são esféricas e de cor azul. As restantes, quanto à forma, umas são esferoidais, outras achatadas e em forma de argola. Diâm. da maior—0,^m011; idem, da menor—0,^m0045 (n.º 11).

Conta de colar esférica, bastante grande, de âmbar, com orifício de suspensão muito estreito e apresentando desgaste em ambas as aberturas. Acha-se perfeitamente conservada, salvo uma pequena raspagem recente. Diâm. entre os polos—0,^m026; diâm. equatorial—0,^m0295. Magnífico exemplar (n.º 16).

Lacrimatório, ou unguentário, de corpo tronco-cónico e grosso gargalo cilíndrico. É de vidro verde azulado e está completo. Alt—0,^m120; diâm. máx., próximo da base—0,^m070 (n.º 27).

Idem, de pequeno corpo tronco-cónico e largo gargalo ligeiramente afunilado. Está partido e falta-lhe uma pequena porção do gargalo. Alt. actual—0,^m107; diâm. na base—0,^m033 (n.º 28).

Idem, de corpo campanulado e longo gargalo aproximadamente cilíndrico. Falta-lhe o bocal. Alt. actual—0,^m080; diâm. máx.—0,^m042 (n.º 29).

Idem, de corpo piriforme. Falta-lhe grande parte do grosso gargalo e o bocal. Alt. actual—0,^m090; diâm. máximo—0,^m0265 (n.º 30).

Fragmento de *terra sigillata*, com ornatos em relevo; um veado correndo para a direita, tendo em frente uma árvore; por baixo, uma faixa com SS ligeiramente inclinados. Diâmetros axiais do fragmento—0,^m079X0,^m072; esps.—0,^m005 a 0,^m006 (n.º 39).

Vaso da *terra sigillata*. Bojo esferoidal, achatado. Faltam-lhe toda a parte superior e a asa. Diâm. máx.—0,^m088 (n.º 22).

Vaso idêntico ao anterior e no mesmo estado de conservação. Diâm. máx.—0,^m097. Não o figuramos.

Vaso idêntico aos anteriores. Conserva apenas duas pequenas porções do colo. Diâm. máx.—0,^m083 (n.º 13).

Taça de *terra sigillata*, com marca figulina no fundo —FVSCI. Tem no bordo um ornato de finos traços paralelos, ligeiramente inclinados. Falta-lhe um bocado do bordo. Alt.—0,^m047; diâm. na boca—0,^m1095 (n.ºs 23, 25, 41 e 46).

Taça de *terra sigillata*, muito pequenina, muito mutilada e com perda de quase todo o verniz. Tem marca figulina, a qual não conseguimos interpretar. Alt.—0,^m036 (n.ºs 26 e 42).

Grande fragmento de um prato de *terra sigillata*, tendo no bordo ornatos em relevo, de folhas com longo peciolo (n.º 35).

Prato de *terra sigillata* bastante grande e bastante fundo. Falta-lhe grande extensão da borda, e do verniz restam somente vestígios. Alt.—0,^m039; diâm.—0,^m193.

Fragmento de um prato de *terra sigillata*, com a marca figulina—ERRIMI (n.º 44).

Idem, com a marca... OSRV. Não o figuramos.

Fundo de taça de *terra sigillata*, com um bocado de bordo que se lhe ajusta. Tem marca figulina—..SET.. (n.ºs 43 e 45).

Taçazinha de *terra sigillata*. De fabrico indígena? Tem marca, para nós ilegível. Alt.—0,^m037; diâm.—0,^m075 (n.ºs 24, 33 e 37).

Vaso de barro vermelho, fino, imitação de *sigillata*. Falta-lhe a asa. Alt.—0,^m079; diâm. na boca—0,^m070; idem no bojo—0,099 (n.º 21).

Urna de barro vermelho, fino. Faltam-lhe o bocal e grande parte do bojo. Diâm.—0,^m103 (n.º 34).

Pequeno vaso de barro negro, muito fino, com verniz. Tem a forma de um *poculum*. Falta-lhe o fundo. Alt. actual—0,^m068; diâm. na boca—0,^m052 (n.º 20).

Biberão com a forma de pequena bilha. Tem um bico, de que falta a extremidade, na parte superior do bojo, e perde a asa, que se inseria no lado oposto. Dentro do gargalo, pouco abaixo do bocal, há um ralo com um orifício maior ao centro e cinco mais pequenos regularmente dispostos em redor. O exemplar está fragmentado, faltando-lhe alguns bocados; conserva pátina muito curiosa. Alt.—0,^m154; diâm. no bocal—0,^m050; idem, no bojo—0,^m103 (n.º 32).

De época moderna: Vaso de barro negro, grosseiro. Faltam-lhe a parte superior e a asa. Diâm. no bojo—0,^m073. Parece ser medida antiga, uma fracção do quartilho (n^{os} 36 e 40).

Como se disse, os objectos da época romana achavam-se quase todos dentro de sepulturas. Além disso, colheram-se, avulsas, muitas moedas de prata e bronzes dos séculos I, II e III.

Se, quanto aos vestígios de construções, das notícias recolhidas somente nos é lícito deduzir que sejam da época romana, e nenhuma informação concreta tenhamos de que algumas das sepulturas ou outros modos de enterramento fúnebre possam atribuir-se à Idade do Ferro, o certo é que o achado de moedas peninsulares e de mais alguns objectos induz à crença em uma ocupação pré-romana, mormente na parte ocidental do Monte Molião.

A pequenina boneca de osso não tem, que saibamos, similar entre as bonecas de osso, ou de barro cozido, sempre com os membros articulados, as primeiras, todas de feitura menos primitiva e ingénua, achadas em Espanha.

A bonequita do Molião, embora marcando considerável progresso sobre as estatuetas de bronze pré-romanas, acusa ainda a execução rudimentar de pormenores que nos exemplares de indústria romana surgem em mais elevado grau de perfeição.

As contas de cor azul cobalto, mais ou menos em forma de argola circular, e as de vidro azul, oceladas de esmalte branco, são idênticas a outras da Fonte Velha, na freguesia de Bensafrim, às de Odemira e mais algumas estações portuguesas da Idade do Ferro.

A fibula é outro elemento a inserir nos tempos anteriores à chegada do ocupante romano. Pertence a um tipo que Dechelette atribuiu ao I período de La Tène, e Hoernes a La Tène II.

Os romanos iniciaram a colonização do termo de Lagos muito cedo, antes das guerras viriatinas. Se bem que a grande maioria das ruínas romanas, tanto dos arredores de Lagos como do resto do Algarve e no Baixo Alentejo, acuse preponderantemente a presença do Baixo Império, não faltam, todavia, testemunhos arqueológicos dos séculos anteriores, e precisamente o Monte Molião oferece-nos,

por exemplo, uma série de *terra sigillata* com tipos do segundo quartel do séc. I e do primeiro quartel do século II.

Peça cerâmica também destacável é o biberão em forma de bilha, semelhante a um do Museu de Mérida e ao que foi achado no campo de urnas da Horta das Pinas (freg. de Aventosa, conc. de Elvas), estação arqueológica datável dos fins do séc. I a. C.

Eis o que, a propósito dos objectos achados no Monte Molião e expostos no Museu Regional de Lagos, se nos oferece dizer acerca daquela estação, cuja importância é proporcional à insuficiência com que tem sido explorada e estudada.